

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

ANA LUISA DUBRA LESSA

**Edição da Correspondência Mário de Andrade &  
Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira – 1926-1944.**

VERSÃO CORRIGIDA

O EXEMPLAR ORIGINAL ENCONTRA-SE DISPONÍVEL NA BIBLIOTECA DO  
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB-USP)

São Paulo

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

**Edição da Correspondência Mário de Andrade &  
Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira – 1926-1944.**

ANA LUISA DUBRA LESSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Estudos Brasileiros.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Marcos Antonio de Moraes

VERSÃO CORRIGIDA

O EXEMPLAR ORIGINAL ENCONTRA-SE DISPONÍVEL NA BIBLIOTECA DO  
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB-USP)

São Paulo

2012

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação do  
Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

© reprodução total

Lessa, Ana Luisa Dubra

Edição da correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira – 1926-1944 / Ana Luisa Dubra Lessa. -- São Paulo, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação. Área de concentração: Estudos Brasileiros. Linha de pesquisa: Brasil: a realidade da criação, a criação da realidade.

Versão do título para o inglês: Edition of the correspondence Mário de Andrade & Ascenso Ferreira and Stella Griz Ferreira – 1926-1944.

Descritores: 1. Andrade, Mário de, 1893-1945 2. Ferreira, Ascenso, 1895-1965 3. Ferreira, Stella Griz 4. Epistolografia 5. Modernismo I. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação II. Título.

IEB/SBD03/2012

CDD 869.965

## SUMÁRIO

Resumo.....	5
Abstract.....	5
Dedicatória.....	6
Agradecimentos.....	7
Edição da Correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira – 1926-1944.....	9
Cartas e lacunas.....	9
Modernismo, modernismos.....	10
Diálogo epistolar: os caminhos da correspondência.....	18
Folclore partilhado.....	18
Processo de criação.....	22
Viagens pelo Brasil.....	27
Eventos políticos e amizade.....	28
Afetos e divergências.....	30
Considerações finais.....	31
Esta edição.....	32
Correspondência.....	34
1926.....	34
1927.....	57
1928.....	106
1929.....	167
1930.....	192
1931.....	228
1932.....	238
1933.....	247
1934.....	254
1935.....	261
1936.....	269
1937.....	275
1939.....	277
1940.....	280

1941.....	291
1942.....	300
1943.....	303
1944.....	312
Referências bibliográficas.....	317
Anexos.....	326

## **RESUMO**

Esta dissertação apresenta a edição fidedigna e anotada da correspondência do polígrafo modernista Mário de Andrade (1893-1945), com o poeta pernambucano Ascenso Ferreira (1895-1965) e sua esposa, Stella Griz Ferreira (1898-1974). A transcrição integral de 138 cartas, pertencente ao Arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, a recomposição cronológica dos diálogos, considerando a parcela de cartas de Mário ao casal, já publicadas em livros, e o procedimento de anotação das mensagens epistolares buscam ampliar o conhecimento das redes de sociabilidade no modernismo brasileiro, oferecendo elementos biográficos e testemunhais para o estudo da obra dos interlocutores e de seus processos de criação. A análise da correspondência, em perspectiva interdisciplinar, apreende os principais pontos da discussão acerca da criação poética e das manifestações folclóricas do nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Mário de Andrade; Ascenso Ferreira; Stella Griz Ferreira; epistolografia; modernismo.

## **ABSTRACT**

This dissertation presents a reliable and annotated edition of the correspondence the polygraph modernist Mário de Andrade (1893-1945), with the poet from Pernambuco Ascenso Ferreira (1895-1965) and his wife, Stella Griz Ferreira (1898-1974). The full transcript of 138 letters, belonging to Archive Mário de Andrade, the Institute of Brazilian Studies, University of Sao Paulo, the chronological rearrangement of the dialogues, considering the amount of letters from Mario to the couple, already published in books, and the annotation procedure of epistolary messages seek to broaden the knowledge of sociability networks in Brazilian modernism, offering biographical information and testimonial to the study of the work of the interlocutors and their creative processes. The analysis of the correspondence, in an interdisciplinary perspective, apprehends the main points of discussion of poetic creation and the folklore of northeast Brazil.

Keywords: Mário de Andrade; Ascenso Ferreira; Stella Griz Ferreira; epistolography; modernism.

Ao querido Rodolfo, meu amor.

## **Agradecimentos**

Ao Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. À diretora Profa. Dra. Maria Angela Faggin Pereira Leite e à vice-diretora Profa. Dra. Marina de Mello e Souza. Às Profas. Dras. Flávia Camargo Toni, Mayra Laudanna, Mônica Duarte Dantas, Telê Ancona Lopez, Vanderli Custódio, pelos ensinamentos no início da trajetória acadêmica. À Maria Cristina Pires da Costa, pela amizade e pelo apoio nos processos burocráticos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa concedida.

À Capes, pela bolsa concedida.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, por me guiar pacientemente pelos caminhos da correspondência marioandradiana.

A todos os mestres e docentes do Departamento de História da USP, pelo conhecimento transmitido durante minha graduação.

Ao Prof. Dr. Antonio Dimas, pela primeira orientação acadêmica, pelo incentivo incondicional e pelas palavras estimulantes da qualificação.

Ao Prof. Dr. Francisco Alambert, pela leitura e pelos apontamentos na qualificação.

Ao Prof. Dr. Ivan Marques, pela disciplina de Pós-Graduação, em que muito auxiliou na pesquisa, e por me aceitar como estagiária do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE).

Aos funcionários e estagiários do IEB, principalmente: Elisabete Marin Ribas, Maria Izilda Claro do Nascimento Fonseca Leitão, Monica Aparecida Guilherme da Silva Bento, Gabriela Giacomini de Almeida, Joana Pereira Lima, Bruno Cruz Santana, João Victor Chaves Serpa Kosicki, Maria Itália Causin, Maria Célia Amaral, Livia Barão Vieira, Rosana Campos Nascimento, Bianca Maria Abbade Dettino.

À Fundação Joaquim Nabuco, em especial: Lúcia Gaspar, Célia Carvalho, Carlos Ramos.

À Fundação Casa de Rui Barbosa: Laura Regina Xavier, Eliane Vasconcellos, Claudio Vitena.

À Biblioteca Nacional.

À filha de Ascenso Ferreira, Maria Luiza Gonçalves Ferreira de Medeiros, pela entrevista concedida.

À Família Griz, em especial, ao senhor Gilberto Griz.

À Natália Barros, por me mostrar Recife e compartilhar sua pesquisa.



Às colegas de Pós que se tornaram amigas, compartilham as angústias e descobertas do fazer acadêmico e da vida: Aline Novais de Almeida, Ana Lúcia Guimarães Richa Lourega de Menezes, Maria Viana, Raquel Endalécio, Vivian Caroline Fernandes Lopes.

À Lígia Procópio Souto Dubra, pelo incentivo e apoio ao longo de toda a minha vida.

Ao irmão querido, Pedro Ivo Dubra, pelas infinitas conversas sobre literatura e pela revisão da pesquisa.

Aos meus avós Lourdes e Adhemar, pelo carinho e amor de sempre.

À Dona Rosana, Seu Antonio, Eduardo e Victor, por me receberem de abraços abertos na família.

Ao meu marido Rodolfo, pelo amor, amizade, incentivo e dedicação ao longo dessa trajetória.

## Edição da Correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira – 1926-1944.

Tudo será posto a lume um dia, por alguém que se disponha a realmente fazer a História. E imediato, tanto correspondências como jornais e demais documentos não “opinarão” como nós, mas provarão a verdade.

Mário de Andrade<sup>1</sup>

### Cartas e lacunas

Esta dissertação tem como proposta a edição fidedigna e anotada das cartas trocadas entre o polígrafo Mário de Andrade (1893-1945) e o poeta pernambucano Ascenso Ferreira (1895-1965) e sua esposa Stella Griz Ferreira (1898-1974), entre 2 de novembro de 1926 e o final de 1944. As cartas assinadas por Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira constituem um conjunto de 138 itens (cartas, bilhetes, cartões-postais, telegramas). Entre eles, 103 foram assinados por Ascenso, 32 por Stella e três em parceria, documentos conservados no Arquivo Mário de Andrade, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). A essa documentação, autógrafa e datiloscrita, a pesquisa acrescentou a parcela da correspondência ativa do criador de *Macunaíma* dirigida ao casal Ferreira, publicada no terceiro volume de *O movimento modernista em Pernambuco* (Rio de Janeiro: Guanabara, 1969, 3 v.) e em *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*<sup>2</sup>, de Joaquim Inojosa, bem como em *Um movimento de renovação cultural* (Rio de Janeiro: Cátedra, 1975), de Souza Barros.

Muitas cartas de Mário de Andrade a Ascenso Ferreira extraviaram-se, como testemunhou o destinatário: “–Meu querido Edgard [Cavalheiro]: junto lhe envio algumas cartas do nosso querido Mário, dirigidas a mim e a minha mulher Stella. Perderam-se muitas em mudanças etc”.<sup>3</sup> Dessa forma, a recomposição do diálogo epistolar apresenta lacunas expressivas, pois a pesquisa logrou localizar apenas o texto de 18 cartas assinadas por Mário de Andrade.

Esforços foram empreendidos na busca da correspondência ativa de Mário de Andrade. Realizei viagem ao Recife a fim de localizar documentos na Fundação Joaquim Nabuco, instituição responsável pela guarda do acervo pessoal do poeta Ascenso Ferreira. A

<sup>1</sup> “Fazer a História”, *Folha da Manhã*, em 24 de agosto de 1944.

<sup>2</sup> As cartas de Mário de Andrade a Stella Griz Ferreira divulgadas nesse volume retomam e completam as missivas parcialmente transcritas em *O movimento modernista em Pernambuco*. Inojosa também publicou o poema “Stella”, escrito por Mário de Andrade em 27 de dezembro de 1927.

<sup>3</sup> FERREIRA, Ascenso. In INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3. Rio de Janeiro: Guanabara, 1969, p. 334.

pesquisa encontrou documentos pessoais do autor, manuscritos de poemas e textos, cartas, matérias extraídas de periódicos e fotografias. Entretanto, não foi constatada a existência de missivas de Mário de Andrade.

No Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, consultei os acervos pessoais sob a guarda da instituição, localizando cartas de Ascenso Ferreira dirigidas a Francisco Inácio Peixoto, a Rosário Fusco e a Carlos Drummond de Andrade, bem como mensagens de Manuel Bandeira e de Cícero Dias destinadas ao poeta de *Catimbó*. No acervo de Joaquim Inojosa, da mesma instituição, pude encontrar fotocópia de carta de Mário de Andrade a Ascenso Ferreira, mensagem publicada parcialmente por Inojosa em *O movimento modernista em Pernambuco*. Cumpri também a consulta de artigos em periódicos citados e comentados na correspondência trocada entre Mário de Andrade e Ascenso Ferreira. Na Biblioteca Nacional, obtive textos de periódicos microfilmados e em papel aludidos e discutidos pelos correspondentes.

### **Modernismo, modernismos**

A década de 1920, no Brasil, período em que se iniciou a correspondência entre Mário de Andrade & Ascenso e Stella Griz Ferreira, foi marcada por agitações da ordem política, social e artística. Em 1922, destacaram-se o movimento militar dos 18 do Forte de Copacabana, a criação do Partido Comunista e a Semana de Arte Moderna em São Paulo. No campo artístico, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Heitor Villa-Lobos, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros, propuseram novas perspectivas estéticas, afinadas, principalmente, com a vanguarda europeia. Essas contribuições chocaram os fundamentos e valores da sociedade paulistana, ainda presa a valores literários e artísticos academicistas.

O ideário estético que norteou o primeiro tempo modernista em São Paulo e no Rio de Janeiro não transformou de imediato o quadro das artes no país, como se pensa. Em algumas regiões, os preceitos artísticos libertários daqueles jovens reunidos em fevereiro de 1922 no Teatro Municipal paulistano chegaram tarde e foram vistos com preconceito e desconfiança.

O que se vivia em Pernambuco, local de nascimento do casal Ferreira, era um conflito de ideais. Como mostra Neroaldo Pontes de Azevedo, em *Modernismo e regionalismo*:

A década de 20 em Pernambuco foi agitada por duas vertentes de ideias destinadas a sacudir, quer na época em que existiram, quer nas suas consequências, a vida cultural do Nordeste. De São Paulo, chegavam as sugestões do movimento modernista, tornado público na Semana de Arte

Moderna de 1922, ao mesmo tempo em que se intensificava, fazendo eco a uma preocupação generalizada no Brasil, a pregação em torno do regionalismo.<sup>4</sup>

No início dos anos de 1920, havia em Pernambuco um espírito valorativo das realidades locais, avesso à visão cosmopolita da arte da vanguarda modernista. Em agosto de 1922, uma comitiva de jovens partiu do Recife em direção ao Rio de Janeiro para o 1º Congresso Internacional de Estudantes. O secretário dessa comitiva era o jornalista Joaquim Inojosa que, em São Paulo, travou contato com os participantes da Semana, entre os quais Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e Anita Malfatti, e participou de uma reunião do grupo da revista *Klaxon*, na casa de Mário de Andrade.<sup>5</sup>

Inojosa, por fim, retornou ao Recife como representante de *Klaxon*, disposto a difundir a nova orientação estética. Em 30 de outubro de 1922, assinou o artigo “Que é futurismo”, em *A Tarde*, jornal da capital pernambucana, marcando, assim, o começo da divulgação das ideias modernistas em seu Estado. Entretanto, o propósito de Inojosa enfrentou divergências por parte daqueles que defendiam a valorização do passado. José Lins do Rego se posicionava contra o “futurismo” por meio do semanário *Dom Casmurro*, editado no Recife; Gilberto Freyre defendia o regionalismo. Em sua pesquisa sobre os anos de 1920 em Pernambuco, Neroaldo Pontes de Azevedo distinguiu os princípios norteadores do pensamento do autor de *Casa-grande & senzala*: “Sua postura polêmica, neste momento, decorre da preocupação em resguardar os valores tradicionais e em apontar a necessidade de valorização das realidades regionais”.<sup>6</sup>

Essa postura defensiva dos “valores regionais” fez surgir, em 1924, o Centro Regionalista do Nordeste liderado por Gilberto Freyre, Moraes Coutinho e Odilon Nestor, entre outros. Um dos objetivos postos em prática pelo Centro foi a realização, em 1926, do 1º Congresso Regionalista do Nordeste, no Recife, com a finalidade de organizar um espírito de unidade do Nordeste e de colaborar com movimentos políticos que visassem ao desenvolvimento e à defesa dos interesses da região, assim como à congregação de elementos tradicionais da cultura nordestina. O Congresso não se deteve em questões literárias, mas,

---

<sup>4</sup> AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo*. Os anos 20 em Pernambuco. 2 ed. Recife, UFPE/ UFPB, 1996, p. 11.

<sup>5</sup> Em 24 de novembro de 1922, “Os sonhadores do Sul”, publicado em *A Província* do Recife, Joaquim Inojosa discorreu sobre o grupo modernista de São Paulo: “Reúnem-se sempre; discutem, e desse trocar de ideias, ideias novas surgem. Numa dessas horas de arte em casa de Mário de Andrade (primeiro andar silencioso, mesas, estantes, revistas de arte, livros, quadros modernos pelas paredes). [...] Mário de Andrade diz trechos de uma conferência sobre a poesia moderna” (INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 2, p. 11).

<sup>6</sup> AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo*, p. 41.

mesmo assim, Ascenso Ferreira recitou alguns de seus poemas a pedido do presidente do evento. A participação de Ascenso no certame denota a ambivalência de seus interesses artísticos. Neroaldo explicitou:

Sua produção poética [Ascenso Ferreira] não pode ser atrelada, de maneira mecânica, a um determinado movimento de ideias. Sua poesia, de dicção nova, tem débitos para com a proposta modernista, particularmente no que tange à liberdade formal, mas também tem compromissos diretos com o regionalismo, na medida em que se alimenta, de modo especial, da vida da região e suas tradições.<sup>7</sup>

Ascenso Ferreira não se devotou de imediato ao modernismo, visto que compunha sonetos bem ao gosto dos parnasianos. Um dos poemas mais conhecidos dessa primeira fase é “Adeus! Eu voltarei ao sol da primavera!”, estampado, em dezembro de 1923, na revista *Mauriceia*, de Joaquim Inojosa. Em 21 de setembro de 1924, no *Jornal do Commercio*, “Salomé”, mostrou-se uma primeira tentativa de versos que marcasse seu rompimento com a poesia mais tradicional:

Quando pus os meus olhos nos seus olhos  
Eu senti n’alma como que deslumbramentos...  
Senti a sensação de todas as Belezas  
E a beleza de todos os sentimentos...  
[...]  
E ela era bela como um Pássaro Encantado;  
E ela era bela como a Estrela da Manhã;  
Bela como a Salomé do Yocanaan;  
Bela como dos Cisnes o noivado...  
[...]  
E dizer que vendo-a assim,  
Como que a reza oração pagã,  
Essa reza sem Fé,  
Pensei: quem dera eu fosse o teu Yocanaan  
E que rezasses por mim  
Salomé... Salomé...<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> *Idem*, p. 178.

<sup>8</sup> O poema foi publicado no primeiro volume de *O movimento modernista em Pernambuco* (pp. 92-93). No mesmo volume, Inojosa reproduziu trecho de entrevista concedida por Ascenso em 2 de fevereiro de 1965 e

A adesão definitiva de Ascenso ao modernismo, segundo o poeta, deu-se na conferência de Guilherme de Almeida, realizada no Teatro Santa Isabel, no Recife, em 1925, ocasião em que o escritor paulista declamou os versos de *Raça*. Nesse momento, Guilherme o incentivou a continuar produzindo versos em novos moldes. Joaquim Cardozo e Benedito Monteiro, de acordo com Ascenso, também foram influências importantes para guiá-lo em direção à estética modernista. Após esses acontecimentos, sua lírica foi construída em torno de temas relacionados à cultura e às manifestações do homem do Nordeste.

Nos primeiros tempos das cartas trocadas com Mário de Andrade, Ascenso, em sua atuação no modernismo pernambucano, angariou opositores, como verificado em “Ascenso, traidor”, artigo sem assinatura na revista recifense *Frei Caneca* de 17 de outubro de 1927. O texto permite perceber como Ascenso foi visto por uma parcela da intelectualidade de seu Estado, contrária às suas ligações com os artistas do eixo Rio-São Paulo:

Uma nova, meus senhores! Ascenso, o poeta “inxundioso” [sic] é traidor da pátria. A cilíndrica criatura tem um remelexo com o Sul que não se compreende, comprometendo a poesia matuta do Norte. E para que a história não vá adiante, sem uma demonstração decisiva, contemos o seguinte: O sr. Mário de Andrade fez uma espécie de livro de impressões do Amazonas, antes da viagem. Agora o resto: Ascenso sabia dessa cousa ridícula, entretanto, caladinho, pagou almoço e automóvel para o poeta sarará, comentou trechos do livro sobre a viagem e, depois, com aquela sua prosa alexandrina, ainda fez uns elogiozinhos. E Ascenso ainda fala de poesia do Norte, de arte do Norte e de Pátria do Norte! Que traidor!<sup>9</sup>

Experimenta-se nesse momento da história do Nordeste e, em especial, de Pernambuco, a necessidade de negar o que vinha dos grandes centros econômicos e culturais do país. Evidencia-se a ideia de que é preciso manter a tradição e não se deixar contaminar pelas ações “futuristas” que repudiavam o passado. Esse “passado” deveria ser resgatado nos idos e vividos áureos do cultivo da cana-de-açúcar, tempo em que a região era próspera e abastada economicamente.

Desde 1924, os intelectuais brasileiros centraram esforços na busca de elementos capazes de promover a união dos vários “Brasis”, ainda percebidos como ilhas conectadas antes aos centros europeus do que entre si. Os modernistas, em especial Mário de Andrade, acreditavam que, nacionalizando a cultura brasileira – sendo o tratamento erudito de motivos da cultura popular uma das formulações possíveis –, atingir-se-ia o mesmo patamar das

---

publicada no periódico carioca *Meio-Dia* em 27 de março de 1965, dois meses antes da morte do poeta de *Catimbó*: “... quando lhe perguntei qual o seu primeiro poema modernista, respondeu: – “Salomé” (p. 94).<sup>9</sup> *Apud* AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Op. cit.*, p. 250.

realizações dos países de maior desenvolvimento cultural. Quando isso finalmente ocorresse, o Brasil não estaria mais em posição de subordinação no ambiente da cultura ocidental de extração europeia.

O interesse de Mário de Andrade pelas manifestações populares e o anseio de criar uma cultura nacional se fizeram presentes, particularmente, a partir de 1924. Em um primeiro momento, os intelectuais do modernismo brasileiro propuseram várias experimentações no campo estético. Entretanto, logo após essa fase heroica de abalo das convenções herdadas do século XIX, o movimento modernista tomou novas direções, como explica Eduardo Jardim:

Esta mudança de rumos, generalizada em todas as orientações modernistas que já começaram a se esboçar distintamente, indica que a problemática da renovação estética, presente nos anos anteriores, cedia lugar, a partir de 24, a uma preocupação que, acirrando-se até 1930, se dirigia no sentido de, em primeiro lugar, elaborar uma literatura de caráter nacional, e num segundo momento, de ampliação e radicalização do primeiro, de elaborar um projeto de cultura nacional em sentido amplo.<sup>10</sup>

As palavras de Mário ao poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, em 1924, expressam essas demandas: “[...] Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais”.<sup>11</sup>

Deve-se enfatizar que, no ano de 1924, ocorreu a viagem dos modernistas paulistas às cidades históricas mineiras, que remontavam ao ciclo do ouro e dos diamantes e conservavam a arquitetura colonial. Mário de Andrade, Oswald de Andrade, seu filho Nonê, Tarsila do Amaral, o jornalista René Thiollier, Goffredo Telles, o poeta franco-suíço Blaise Cendrars e Dona Olívia Guedes Penteadó visitaram Minas Gerais durante a Semana Santa. A ida às terras mineiras causou impacto nos modernistas. Os quadros da fase pau-brasil de Tarsila do Amaral refletiram uma nova percepção de formas e cores com a integração do tema brasileiro.

Mário de Andrade também não saiu intacto dessa viagem, tanto que, ao retornar a São Paulo, escreveu “Noturno de Belo Horizonte”, poema que, miticamente, mostra Minas Gerais como símbolo da nação e, posteriormente, elaborou *Macunaíma*, publicado em 1928.

---

<sup>10</sup> MORAIS, Eduardo Jardim. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978, p. 73.

<sup>11</sup> [São Paulo, 1924] In ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de. *Carlos & Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Prefácio e notas de Silvano Santiago. Organização e Pesquisa Iconográfica de Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Bem-Te-vi, 2002, p. 71.

Desde *Pauliceia Desvairada* (1922), há um sentimento de redescoberta e de revelação do Brasil. No entanto, Mário de Andrade só iria aprimorar essa questão na obra *Clã do jabuti*, livro de 1927, considerado pela crítica como o mais “socializado” e “anti-individualista” do poeta. *Clã do jabuti* traz em sua essência o desejo marioandradiano de compreender e estabelecer os elementos culturais e sociais que uniriam o Brasil e os indivíduos das várias partes do país. *Clã do jabuti* traz os versos de “Dois poemas acreanos”, representativos desse pensamento. No primeiro verso do poema, o letrado se encontra “Abancado à escrivaninha em São Paulo/ Na minha casa da rua Lopes Chaves” e, de repente, dá-se conta de que há uma realidade completamente diferente da sua. O poeta se comove com a situação do homem do Norte que, mesmo vivendo uma realidade diversa da sua, também é brasileiro como ele. Tal certeza os une. Nesse poema, há a ideia de pertencimento, de que aquele pedaço de Brasil tão distante também é dele, ou seja, há união de “brasis” e de brasileiros que compartilham do mesmo passado e do mesmo presente, não importando de que parte do país.

A partir de 1924, portanto, Mário de Andrade passa a se dedicar com mais intensidade à pesquisa das manifestações populares expressas no folclore. O escritor paulista procurava saber o significado de palavras presentes no vocabulário nordestino a fim de compreender melhor a sua cultura; em carta de 1926, a Ascenso Ferreira, pediu esclarecimentos:

Agora umas coisas. Têm nos poemas umas palavras que não compreendo e me interessam muito. Por favor, me mande contar o que significam: são: Ingonos, Tangerinos (gente de Tânger?), Japarandubas, sei pelo poema que é nome de engenho, porém deve significar mais alguma coisa, é árvore?; Covo e Jequi são lugares, é? Essas palavras me interessava conhecer bem em tudo o que significam.<sup>12</sup>

A correspondência confirma também o apreço de Mário pela música e sua percepção de que era preciso haver um relacionamento entre a cultura letrada (academias, salões, conservatórios) e a cultura popular, evidentes no seu texto *Ensaio sobre a música brasileira*: “O critério histórico atual da Música Brasileira é o da manifestação musical que sendo feita por brasileiro ou indivíduo nacionalizado, reflete as características musicais da raça. Onde que estas estão? Na música popular”.<sup>13</sup>

Mário de Andrade propunha uma nova metodologia para se escrever música erudita e, por essa razão, o seu empenho em coletar as expressões culturais do povo como fonte de criação de uma música nacional com o fim de universalizá-la. Em carta à pintora Anita

---

<sup>12</sup> São Paulo, 2 de novembro de 1926 In INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3, p. 336.

<sup>13</sup> ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. 4 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006, p. 16.



Malfatti, em 1925, o pesquisador confessou que aplicava em sua música o que recolhia do povo: “[...] Estou trabalhando o Brasil [...] Dei também pra fazer modas e toadas à feição dos cantadores rústicos copiando deles o que têm de aproveitável”.<sup>14</sup>

Com ações diferentes para atingir o abasileiramento das artes e do pensamento do país, Gilberto Freyre e Mário de Andrade não conseguiram estabelecer uma relação de amizade, muito menos por carta. No Arquivo do autor de *Macunaíma*, existe apenas um cartão de visita, duas cartas e um bilhete do mestre de Apipucos.<sup>15</sup>

Em carta de dezembro de 1926, Ascenso convidou Mário a conhecer o Recife e mencionou que Gilberto Freyre poderia ajudá-lo no meio intelectual pernambucano. A pesquisa não localizou a resposta de Mário ao convite, mas em 8 de janeiro de 1927, Ascenso comentou:

[...] não sei se valerá a pena, em se tratando do Freyre... Em todo caso digote que vale a pena! Ele não é um amigo como nós, cheio de sinceridades. Gosta de morder, tem a volúpia de aperrear. Mas, é um tipo muito interessante de escritor.<sup>16</sup>

Em 7 de fevereiro de 1927, Mário tentou explicar ao amigo seu posicionamento ressabiado em relação a Gilberto:

Se eu falei “não sei se valerá a pena conhecer Gilberto Freyre” é porque me parece que ele não tem muita afinidade comigo e meio que me desdenha. Não posso forçar ninguém a me querer bem, quanto a admirá-lo isso é outra coisa: admiro e estimo apesar dos beliscões que vive dando na gente e que não tem a mínima importância porque não me parece maldade, são de diferença de opinião e isso é perfeitamente lícito.<sup>17</sup>

Em 5 de janeiro de 1928, Mário demonstrou, ao amigo Manuel Bandeira, que o relacionamento com Gilberto Freyre era distante. O escritor paulista pediu auxílio para elaborar trecho de *Macunaíma*:

Olhe, pergunte como coisa de você, pro Gilberto se ele sabe o nome de alguma rendeira célebre de Pernambuco ou do Nordeste qualquer. Se não for de Pernambuco ele que diga donde ela é. É pro *Macunaíma*. Não diga que é

---

<sup>14</sup> São Paulo, 4 de outubro de 1925 In ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade, Cartas a Anita Malfatti (1921-1939)*. Marta Rossetti Batista (Org.). São Paulo: Forense Universitária, 1989, p. 104.

<sup>15</sup> Para um estudo mais aprofundado das relações entre Mário de Andrade e Gilberto Freyre, consultar o ensaio de Antonio Dimas, “Barco de proa dupla: Gilberto Freyre e Mário de Andrade” In FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. Ed. crítica de Guillermo Giucci, Enrique R. Larreta e E. Nery da Fonseca. Madri/Paris/São Paulo: ALLCA XX, 2002.

<sup>16</sup> Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>17</sup> ANDRADE, Mário de. In INOJOSA, J. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3, p. 341.

coisa minha senão ele é capaz de fazer perfídia e dar nome errado só pra ter o gosto de ler besteira.<sup>18</sup>

Em 11 de dezembro de 1928, Manuel Bandeira intermediou o encontro entre Gilberto Freyre e Mário de Andrade no Recife, fato narrado pelo escritor paulista em seu livro de viagens:

[...] Almoço Ascenso. Tarde M. Bandeira me busca no hotel e me leva a Gilberto Freyre, que nos oferece um passeio de lancha pelo Capibaribe, maravilhoso, com vista da cidade, depois dos arrabaldes, o da Madalena, com os velhos cais das vivendas das famílias ricas antigas, alguns deliciosos de monumentalidade simples, os coqueiros sempre espantados.<sup>19</sup>

Gilberto, pela vez dele, em seu diário, expressou:

Má impressão pessoal de M. de A. Sei que sua obra é das mais importantes que um intelectual já realizou no Brasil. Que entende de música como um técnico e não apenas como um artista intuitivo. Que une muita erudição à intuição poética. Mas me parece artificial e postiço em muita coisa. E sua pessoa é o que acentua: o lado artificioso de sua obra de renovador das artes e das letras no Brasil. Seu modo de falar, de tão artificioso, chega a parecer – sem ser – delicado em excesso. Alguns dos seus gestos também me parecem precários. Mesmo assim, um grande, um enorme homem-orquestra, que está sendo para o Brasil uma espécie de Walt Whitman. Um semi-Walt Whitman.<sup>20</sup>

É nesse panorama literário de conflitos e embates intelectuais que se estabeleceu a amizade epistolar, de quase duas décadas, entre Mário de Andrade, Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira.

---

<sup>18</sup> ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Marcos Antonio de Moraes (Org.). São Paulo: Edusp/IEB, 2000, p. 372.

<sup>19</sup> ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. 2 ed. Prep. Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 347.

<sup>20</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930. São Paulo: Global; Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006, p. 286. Gilberto Freyre datou o trecho citado como 1927; equívoco do diarista, pois o encontro entre eles se deu em 11 de dezembro de 1928. As memórias do autor de *Sobrados & mucambos* devem ser lidas com certa cautela, pois é sabido que muitas passagens foram escritas posteriormente às datas determinadas.

## Diálogo epistolar: os caminhos da correspondência

### Folclore partilhado

“Se não bastassem os seus versos, mais essa qualidade musical de você bastava pra que eu não te largasse mais”<sup>21</sup>, escreveu Mário de Andrade na primeira carta que enviou a Ascenso Ferreira, em 2 de novembro de 1926. De fato, Mário levaria a sério a afirmação, pois a correspondência se estendeu até poucos meses antes de sua morte.

O início do diálogo epistolar foi favorecido pelo folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo. Em 1926, o futuro autor da *Geografia dos mitos brasileiros* encontrava-se no Recife, onde estudava na tradicional Faculdade de Direito. Dedicado ao estudo da cultura brasileira e ciente do interesse de Mário de Andrade por assuntos do Norte e do Nordeste, Cascudo certamente viu Ascenso como um possível colaborador do amigo paulista. Em carta de 24 de setembro de 1926, dirigindo-se a Mário, descreveu o poeta pernambucano:

São, forte, bom, inatural pelo caráter, moderno pela sensibilidade. Nome do ex-livro – *Rosas de cinzas*. Nome do livro no prelo – *Catimbó*. Deduza. Ascenso conhece bem o sertão. O sertão de Pernambuco possui a desvirtude de uma influência estrangeira mais intensa que o meu. Ascenso quer ser seu amigo porque está teimando em continuar admirador. Mando versos do Ascenso. Endereço – Tesouro do Estado – Recife. Pernambucano.<sup>22</sup>

Menos de dois meses depois da mensagem de Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade iniciava com Ascenso Ferreira uma correspondência marcada pelo debate literário, pelas afinidades no campo da cultura popular, mensagens que atestam a admiração mútua e a amizade que superam tensões e divergências.

Na primeira carta remetida a Ascenso Ferreira, Mário de Andrade mencionou sua concepção de estudo de brasilidade e a noção de que tudo estava por ser feito na construção de uma legítima cultura nacional, rogando ajuda ao novo amigo.

Mário de Andrade julgava que era necessário construir uma cultura genuinamente brasileira, e ele próprio buscava cumprir essa tarefa. Afinado com as ideias de Mário, Ascenso Ferreira tinha interesse declarado por tudo aquilo que o povo poderia lhe oferecer. Esse saber foi reconhecido por Mário ao pedir auxílio para as suas pesquisas musicais na carta inicial da correspondência. O escritor explicou a sua rotina diária de dedicação aos estudos de música, não só sobre maxixe como da música brasileira em geral, exemplificou o plano de escrever

<sup>21</sup> ANDRADE, Mário de. In INOJOSA, J. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3, p. 336.

<sup>22</sup> ANDRADE, Mário de. & CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Marcos Antonio de Moraes (Org.). São Paulo: Global, 2010, p. 120.

um livro sobre o assunto<sup>23</sup> e demonstrou plena consciência dos percalços da tarefa, já que não havia praticamente nada feito até o momento:

Você compreende que é um trabalho penosíssimo e cheio de dificuldades quase intransponíveis, às vezes devido a não haver nada feito até agora. Careço que toda a gente me ajude. Já tenho encontrado alguns amigos que me têm servido muito, sobretudo gente do Norte. O Antônio Bento de Araújo Lima que o Cascudinho conhece, me tem sido um auxílio inestimável aqui. Você não terá também a paciência de me ajudar? O que eu quero é isto: que todas as cantigas e danças nossas que você conhecer e não for utilizar delas em livro, me mande pros meus estudos e uso. E mesmo as que você quiser empregar em livro seu, pode mandar sem receio, que sou absolutamente honesto e só as estudarei sem as empregar ou, se o livro de você tiver saído, empregarei com citação da fonte.<sup>24</sup>

Com esse pedido, Mário de Andrade reiterava a importância das informações sobre a cultura popular fornecidas por intelectuais nordestinos como impulso dinâmico para as suas pesquisas e seus projetos sobre fala brasileira, folclore, expressões populares e música nacional. Ascenso era convidado a integrar uma espécie de rede de informantes na qual já figuravam o paraibano Antônio Bento de Araújo Lima e Luís da Câmara Cascudo. De forma sutil, Mário tentava inculcar em Ascenso a ideia de que não era possível se esquivar de tal empreitada inédita e essencial para a cultura nacional, da qual, aliás, já estavam participando amigos seus de outras paragens.

Ascenso recebeu o pedido de Mário e, bem à sua maneira, gracejou com uma suposta ansiedade do escritor paulista em receber colaborações recolhidas da cultura local: “Eu lhe escrevo do tumulto da minha repartição de Fazenda. Faço um parêntesis no trabalho forçado para acudir ao chamado angustioso dessa alma de você ansiosa de encantos e alucinada pela curiosidade!”.<sup>25</sup> Em 6 de dezembro de 1926, o poeta pernambucano enviou uma série de cantos de trabalho oriundos do samba do matuto. Ascenso retirou as informações do povo, ao comentar a sua ida a Palmares, sua cidade natal, para registrar cantos populares: “Fui a Palmares. Peguei um modesto músico, o mestre da banda local, José Januário, e consegui gravar as seguintes canções de trabalho muito em voga, as quais se não são bonitas, são absolutamente típicas”.<sup>26</sup> Mário assinalou todas as canções desta carta e as incluiu no livro *Ensaio sobre a música brasileira*, registrando o nome do informante.

---

<sup>23</sup> *Compêndio de história da música*, publicado em 1929; o livro recebeu, em 1942, o título de *Pequena história da música brasileira*.

<sup>24</sup> ANDRADE, Mário de. In INOJOSA, J. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3, p. 336.

<sup>25</sup> [Recife, dezembro de 1926], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>26</sup> Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

Em janeiro de 1927, Ascenso mais uma vez respondeu ao pedido de ajuda: “Eu não tenho preguiça de te ajudar, Mário, e não pense vc. que o faça esperando qualquer recompensa a não ser o conforto de sua amizade tão brasileira...”.<sup>27</sup> Mostrou disponibilidade em auxiliar o interlocutor no que fosse possível: “Não precisa, pois, você discutir comigo. Basta que você acuse a recepção de minhas cartas, pois o que eu quero é ajudá-lo e para fazê-lo hei de arrancar música até do Inferno”.<sup>28</sup> Em 7 de fevereiro de 1927, da Rua Lopes Chaves veio o agradecimento: “Não zanga comigo não, hein. Ascenso você imagina como estou grato pra você. As melodias que me tem mandado e as explicações me deixaram entusiasmado e feliz”.<sup>29</sup> Na sequência da carta, palavras de gratidão e reconhecimento pela generosidade do amigo: “[...] As melodias vêm vindo graças a Deus e gente como você é das que mais me têm ajudado. Creio que vai sair coisa que presta e bem útil se Deus quiser”.<sup>30</sup>

O início da correspondência entre os dois poetas foi marcado pela confirmação de amizade por meio de manifestações de afeto, de agradecimentos e de elogios fervorosos. As estratégias de sedução intelectual permearam o diálogo entre os missivistas; Ascenso iniciou a carta de 8 de janeiro de 1927 com a forma de tratamento “Bichão.”, o que sinaliza uma intimidade (epistolar) conquistada. Na carta seguinte, algo semelhante ocorreu com o uso de “Mário, meu neguinho...”. A maneira como o poeta pernambucano se dirigia a seu destinatário foi percebida e, em dado momento, Mário se ressentiu de uma possível mudança de tratamento ao longo da correspondência:

Imagine que até você deixou de me chamar com os nomes gostosos e familiares de sempre na última carta e veio com um “Meu bondoso Mário” tão longínquo, tão hierático tão desagradável que fiquei num jejum danado do Ascenso verdadeiro que tanto quero e gosto!...<sup>31</sup>

O largo saber folclórico de Ascenso Ferreira foi valioso para o aprimoramento da obra de Mário de Andrade. Seu conhecimento de música e sua capacidade e disposição de ir a campo à procura do que despertava o interesse do autor de *Macunaíma* apareceram com vivacidade em meados de 1930, quando Ascenso se mostrou consciente da centralidade da sua colaboração:

---

<sup>27</sup> Recife, 8 de janeiro de 1927, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> ANDRADE, Mário de. In INOJOSA, J. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3, p. 337.

<sup>30</sup> *Idem*, p. 337.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 346.

Você bateu mesmo na porta de quem lhe podia dar o que você queria. Penso não ser exagero em dizer-lhe haver em Pernambuco muito poucas pessoas capazes de o fazer e por uma razão somente: todas essas canções do passado estão profundamente atrapalhadas, e só os velhos as sabem de verdade. [...] E por hoje basta. Penso que você não podia bater em melhor porta. Modéstia a parte. E viva, bichão.<sup>32</sup>

As cartas de Ascenso e Stella a Mário trazem informações referentes a danças dramáticas, ao carnaval pernambucano, ao pastoril e à música, entre outros assuntos.

Em algumas cartas do pernambucano, trazendo transcrição de canções do povo, Mário anotou “Já aproveitada”, sinalizando o uso delas em algum de seus trabalhos. Um exemplo ocorreu, em 16 de janeiro de 1930, quando Ascenso narrou a História da Cabra-Cabriola, personagem do imaginário folclórico do Nordeste. No extenso relato transcrito na carta, “ua viúva tinha 3 filhos que deixava trancados em casa enquanto ia para o trabalho. A Cabra-Cabriola era um bicho medonho, de olhos de fogo e corpo lanzudo, que comia meninos quando topava com eles”. A história, integralmente, foi incorporada aos manuscritos *As melodias do boi* de Mário de Andrade e depois transcrito no livro póstumo *As melodias do boi e outras peças*, obra organizada por Oneyda Alvarenga, em 1987, a partir dos papéis reunidos pelo escritor.

Stella Griz Ferreira também contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa folclórica de Mário Andrade. Escreveu Ascenso, em duas oportunidades: “As músicas Stella vai lhe mandar”<sup>33</sup>; “Stella tem músicas por desgraça pra mandar pra você, as quais vão em carta registrada, amanhã ou depois”.<sup>34</sup>

Stella mostrou-se disposta a colaborar no trabalho de “colheita” de músicas, receitas e simpatias de Pernambuco. Comunicou ao amigo em setembro de 1927:

Vou copiar as suas músicas. Tenho mais duas: uma, é um lindo canto de trabalho e a outra é uma lenda muito interessante: a de uma menina que a madrasta matou e enterrou n’uma baixa de capim e quando o capinheiro ia cortar o capim ouvia uma voz que dizia: capinheiro de meu pai não me corte meus cabelos, etc. Você sabe? Deve saber.<sup>35</sup>

Esta lenda também pode ser lida em *As melodias do boi e outras peças*.

Stella atendeu ainda aos pedidos de Mário, enviando a história “Maria Borracheira” e receitas de doces típicos da culinária pernambucana. O Arquivo de Mário de Andrade, do

<sup>32</sup> Recife, 16 de janeiro de 1930, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>33</sup> Recife [setembro de 1927], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>34</sup> Recife, 7 de outubro de 1927, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>35</sup> Recife, [setembro de 1927], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

IEB-USP, preserva o material enviado por Stella Griz Ferreira, principalmente na *Série Manuscritos de Mário de Andrade*, que congrega trabalhos em processo do escritor em diversas áreas.

### Processo de criação

O diálogo epistolar pode expor etapas do processo de criação artística e ensaística dos missivistas, “transformando a correspondência em um fértil ‘laboratório’ da criação”.<sup>36</sup> A carta pode também fornecer matrizes de um determinado escrito; versões abandonadas de um texto; justificativas de escolhas ou de recusas na elaboração de uma obra etc.

Os carteadores muitas vezes trocam opiniões, sugerem mudanças nas obras em processo ou oferecem subsídios para obras *in progress* do interlocutor. É o caso da carta de Ascenso Ferreira, de 8 de janeiro de 1927, ao mencionar *A gramatiquinha da fala brasileira*, obra de Mário de Andrade que permaneceu inacabada e inédita: “Tenho, também muitos termos que lhe poderiam servir para a ‘gramatiquinha da fala brasileira’. Vou dar-lhe uma amostra de interessantes nomes de moléstias: o pela-quem-quem, o bute-caiana, a Erisipa, o roda”.<sup>37</sup>

Na mesma carta, Ascenso instigou Mário a conhecer o Recife, mencionando as mangas de Itamaracá: “A sua carta fala-me de mangas! Mangas amarelas de São Paulo que enlambuzam o sol! Ai! Se você visse as mangas de minha terra! Se provasse o impossível das mangas de Itamaracá!”.<sup>38</sup> As referências oferecidas por Ascenso foram utilizadas por Mário para recriar a lenda das mangas de Itamaracá no sexto capítulo da rapsódia *Macunaíma* (1928), “A francesa e o gigante”. O escritor adaptou as informações do amigo: “Em Itamaracá Macunaíma passou um pouco folgado e teve tempo de comer uma dúzia de manga-jasmim que nasceu do corpo de dona Sancha, dizem”.<sup>39</sup>

Informações que Ascenso, em fevereiro de 1928, ofereceu a Mário, em cartas, ressurgiram em *Macunaíma*, no terceiro capítulo da rapsódia, “Ci, Mãe do Mato”, com a presença de esclarecimentos em relação às rendeiras nordestinas. Ascenso ensinou:

Rendeira é coisa muito humilde, não chegando mesmo a ser pessoa. Entretanto eu cavei, com um amigo coronel, muito amante dessas tradições,

---

<sup>36</sup> MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2007, p. 92.

<sup>37</sup> Recife, 8 de janeiro de 1927, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>38</sup> *Idem*.

<sup>39</sup> ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter. Texto estabelecido por Telê Ancona Lopez & Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 68.

as seguintes informações: As irmãs Felinta e Maria Rodrigues de Rio Formoso, Pernambuco, falecidas há coisa de 2 anos, peritas trocadeiras de bilros. Joaquina Leitão, conhecida por Quinquina Cacunda (Corcunda), falecida em São José da Coroa Branda, Pernambuco, há cerca de 10 anos. Vivas talvez venham do Ceará e vivas daqui só esperando mais alguns dias, para tomar informações com os Coletores dos Lugares onde se fabrica renda: Caruaru e Gravatá. Escreverei.<sup>40</sup>

Em *Macunaíma*, lê-se:

Todos agora só matutavam no pecurrucho. Mandaram buscar para ele em São Paulo os famosos sapatinhos de lã tricotadas por dona Ana Francisca de Almeida Leite Moraes e em Pernambuco as rendas “Rosa dos Alpes”, “Flor de Guabiroba” e “Por ti padeço” tecidas pelas mãos de dona Joaquina Leitão, mas conhecida pelo nome de Quinquina Cacunda.<sup>41</sup>

Em 27 de maio de 1928, Mário solicitou colaboração do amigo pernambucano para o desenvolvimento de seu projeto “O Sequestro da Dona Ausente”, que pretendia estudar a ausência da mulher nas expressões folclóricas luso-brasileiras:

Até descobri uma coisa de que falo pra você com absoluta reserva, peço pois não contar isso por enquanto pra ninguém. Você não conhece por aí alguma canção de qualquer gênero, cantiga de roda, toada, coco, maracatu, tudo serve tratando de mulher que vem por mar, mulher que vem em barca, mulher que atravessa rio pra chegar junto da gente, enfim mulher embarcada? O assunto geral é esse: Mulher *ausente* que afinal chega de outro lugar. Escarafunche bem na sua memória pra ver se encontra versos e cantigas a esse respeito. E me mande tudo que encontrar por mais desinteressante que seja. O tema é que é interessante e foi descoberto por mim. Vou tratar dele num opúsculo especial. Já indico esse opúsculo entre as obras por publicar que vêm indicadas no *Macunaíma* (pra junho) porém só indico o título “Sequestro da Dona Ausente” sem indicar do que se trata.<sup>42</sup>

Ascenso procurou auxiliá-lo, enviando alguma colaboração: “Não conheço nada de mulher que está pra chegar, apenas sei de uma canção que diz assim: A maré encheu/ A maré vazou/ Cadê minha mulata/ Que ainda não chegou!”<sup>43</sup>

A correspondência revela que Ascenso, assim como Mário, também aproveitou a carta como espaço de compartilhamento de ideias, para expor suas intenções, planos e projetos.

---

<sup>40</sup> Recife, 29 de fevereiro de 1928, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>41</sup> ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter, pp. 34-35.

<sup>42</sup> ANDRADE, Mário de. In INOJOSA, J. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3, pp. 346-347.

<sup>43</sup> [Recife], 14 de julho de 1928, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP. Os versos enviados por Ascenso, pelo que constatou esta pesquisa, não foram incluídos por Mário de Andrade nos documentos reunidos do manuscrito *O sequestro da Dona Ausente* (Arquivo Mário de Andrade, *Série Manuscritos de Mário de Andrade*, IEB-USP).



Ascenso mostrou-se aberto ao diálogo crítico com o modernista de São Paulo. Na primeira carta do conjunto, Mário escreveu:

Uma coisa porém não posso sem falar. O poema “Maracatu” que é positivamente uma gostosura de ritmo e de som e com um mistério cheio de lirismo, tem uma coisa que me desagrada. É o verso “Onde estou eu” quebrando o ritmo tanto do metro geral do poema como de ritmo do refrão. É verdadeiramente uma pena. Você me avisa que tem música e está no livro. É ouro sobre azul e sei que o ritmo musical pode muitas vezes fazer ficar ritmicamente certo um verso quebrado. Porém isso só pra quando o poema for cantado.<sup>44</sup>

O exame da correspondência marioandradiana ajuda a identificar os ideais do autor em relação à língua, à música e, no caso, à poética que deveriam ser feitas no Brasil, não só por ele mas também pelos outros intelectuais. Pela leitura das sugestões e dos aconselhamentos que destinava aos amigos/interlocutores, vislumbra-se a lógica de seu pensamento. Sabe-se que alguns comentários não eram pura e simplesmente endossados, mas o fato de haver réplicas de recusa (às vezes longas, às vezes veementes) revela que ocorriam ao destinatário momentos de meditação e de apreciação da relevância da mensagem. Mário partilhava suas ideias, recorrendo ao tom pedagógico, ao apontar os caminhos que poderiam ser escolhidos pelos mais novos ou os da sua geração.<sup>45</sup> Negar os alvites de Mário também fazia parte da busca de uma dicção particular.

Ascenso, inicialmente, recusou a opinião do poeta paulista: “Há, realmente, uma quebra de ritmo no refrão do meu ‘Maracatu’. Aquele ‘Loanda, Loanda, onde estou eu’ destoa do ritmo geral, porém nas toadas do maracatu é mesmo assim, e eu compus o poema ao som da toada da qual envio uma cópia p.<sup>a</sup> você”.<sup>46</sup> Porém, em outra carta, após refletir um pouco mais, aceitou as sugestões: “O ‘Loanda, Loanda’ já está consertado de acordo com o teu sabor”.<sup>47</sup>

Em setembro de 1927, Ascenso escreveu:

O meu livro [*Catimbó*] está sai-não-sai e logo que o bote na rua “seu” Ascenso vai fazer um trabalho que julga digno de todo o cuidado: – Eu quero estudar o grande movimento lírico do hoje chamado “samba do matuto”, o qual está tomando um incremento notabilíssimo, chegando ao

---

<sup>44</sup> ANDRADE, Mário de. In INOJOSA, J. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3, p. 335.

<sup>45</sup> Ver a esse respeito o livro de Marcos Antonio de Moraes *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.

<sup>46</sup> [Recife, dezembro de 1926], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>47</sup> Recife, 8 de janeiro de 1927, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

ponto de não haver mais núcleo rural sem possuir o seu “Mestre de Samba”.<sup>48</sup>

Percebe-se, então, que a criação é um contínuo processo que recebe formulações constantes por meio de novas leituras, novas ideias, opiniões de outros indivíduos presentes no cotidiano do criador.

Em março de 1930, Ascenso pediu ao amigo que se posicionasse em relação ao prefácio escrito para a obra *Cana caiana*: “Junto te envio um ligeiro prefácio que fiz para o livro. [...] Responde urgente se devo por o prefácio”.<sup>49</sup> Em outra carta, novamente exigiu um julgamento sincero, reiterando os laços de amizade: “Preciso que tu me mandes com urgência dizer algo sobre a introdução do *Cana caiana*, que te enviei. Tenho de mandar o livro para a impressão. Peço sinceridade. Tu sabes que nesta coisa de arte nós somos mesmo que irmãos”.<sup>50</sup> Em 4 de abril de 1930, a ansiedade do pernambucano chegou ao fim após receber carta de São Paulo, não localizada pela pesquisa: “Muito obrigado por sua lealdade de amigo. Eu já esperava que fosse esse seu pensamento, e, por isso, não quis publicar o prefácio antes de ouvir sua opinião”.<sup>51</sup> A sugestão de Mário de Andrade foi acatada, e o livro veio a lume em 1939 sem que o prefácio figurasse em suas páginas.

A correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira reflete igualmente a atuação episódica do escritor recifense na crítica literária e artística. Mário guardou, em seu arquivo, artigos do amigo acerca de *Amar, verbo intransitivo* (1927) e *Clã do jabuti* (1927)<sup>52</sup> de *Macunaíma* (1928). A pesquisa também localizou críticas de Ascenso a obras de Jorge de Lima, de Cassiano Ricardo, de Antônio de Alcântara Machado e de Tarsila do Amaral.<sup>53</sup>

O autor de *Catimbó* apontou desajustes no poema “Lenda do Céu”, presente em *Clã do Jabuti*: “Fiquei doente com v. não ter botado fumo no céu do caboclo. Onde é que v. viu

---

<sup>48</sup> Recife, [setembro de 1927], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>49</sup> Recife, [março de 1930], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>50</sup> [Recife, anterior a 4 de abril de 1930], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>51</sup> [Recife], 4 de abril de 1930, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>52</sup> Os artigos escritos por Ascenso Ferreira receberam os seguintes títulos: “Mário de Andrade – o Revoltoso: *Amar, verbo intransitivo*” (Recife, *Jornal do Commercio*, 3 de abril de 1927); “*Clã do Jabuti*” (Recife, *Revista da Cidade*, 4 de fevereiro de 1928), Arquivo Mário de Andrade, *Série Matérias Extraídas de Periódicos*, IEB-USP; “Brasileiridade e dinamismo – a propósito de *Macunaíma* de Mário de Andrade” (Recife, *A Província*, 18 de novembro de 1928) (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

<sup>53</sup> Todos os artigos foram publicados na *Revista da Cidade*, respectivamente “Jorge de Lima: *Poemas*” em 18 de fevereiro de 1928 (Publicações Digitalizadas da Fundação Joaquim); “*Martim Cererê*” em 28 de julho de 1928 (Publicações Digitalizadas da Fundação Joaquim); “*Pathé Baby*” em 14 de abril de 1928 (Arquivo Antônio de Alcântara Machado, *Série Matérias Extraídas de Periódicos*, IEB-USP); “Tarsila” em 21 de janeiro de 1928 (Coleção de Artes Visuais, IEB-USP).

céu de caboclo sem fumo? Te dana”.<sup>54</sup> Mário diante da restrição do amigo, aprofundou o debate:

[...] Sei tão bem como você quanto o fumo é inerente ao homem brasileiro caboclo e se tivesse me lembrado disso tinha botado ele na poesia. Porém se não está isso não tem importância porque em toda enumeração sintética de lirismo, o que não está presente está implícito. Pegue no “Sertão” por exemplo e já se pode fazer uma crítica nesse sentido mostrando tudo o que você não botou na poesia e que é essencial da psicologia que você quis fazer. Porém está implícito no poema e por isso ninguém não se lembra agora de estar perdendo tempo em lembrar. Não tem poesia neste mundo que resista a uma crítica dessa ingenuidade. Se tivesse me lembrado do fumo de certo que tinha botado ele não que seja defeito sem ele porém porque era um elemento bom como evocação. Me esqueci, paciência.<sup>55</sup>

Em relação a *Macunaíma*, Ascenso escreveu em carta: “Muito agradecido pela inclusão de meu nome modesto entre tantos macumbeiros ilustres”.<sup>56</sup> No livro, no capítulo “Macumba”, o nome do poeta aparece junto ao de Jaime Ovalle, Dodô, Manuel Bandeira, Blaise Cendrars, Raul Bopp e Antônio Bento. Outras obras literárias mereceram considerações do poeta, nas cartas, como *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* e *Laranja da China* de Antônio de Alcântara Machado e *O quinze* de Rachel de Queiroz, só para citar dois escritores relevantes. *Casa-grande & senzala*, escrito pelo sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre, figurou em missiva imediatamente enviada após a sua publicação, em 1933: “A nota do dia é o livro do Gilberto Freyre. Ainda não o li, mas me agradou muito um pedaço no qual ele assevera que os senhores de engenho antigos deixavam a mesa, acendiam o charuto, deitavam-se nas redes, cuspidando no chão e peidando... Gozadíssimo e profundamente real”.<sup>57</sup>

A pesquisa também logrou descobrir que Stella escrevia versos. Filha, irmã e esposa de poetas, Stella enviou, em 9 de outubro de 1936, um dos seus trabalhos, o poema “Mulher”, conservado por Mário de Andrade entre seus papéis<sup>58</sup>.

No Arquivo de Ascenso Ferreira sob a guarda da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, dois poemas assinados por Stella foram localizados: “Confissão”, publicado no *Jornal do Commercio* e “Natal”, em *A Seleta*.<sup>59</sup> Artigos da época também se referem à atuação de

<sup>54</sup> [Recife, anterior a 28 de dezembro de 1927], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>55</sup> ANDRADE, Mário de. In INOJOSA, J. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3, pp. 343-344.

<sup>56</sup> Recife, 26 de agosto de 1928, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>57</sup> [Recife], 15 de março de [1934], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>58</sup> V. *Série Matérias Extraídas de Periódicos* no Arquivo de Mário de Andrade, IEB-USP.

<sup>59</sup> Infelizmente, os recortes de jornal não estão datados. Transcrição do poema “Confissão”: “Que és tu para mim?/ Vou te dizer baixinho: – Vida!// Gosto de fechar bem os meus olhos/ quando a saudade me vem falar de ti.// Por que será?// É que tu vives no meu set/ na minha alma,/ fechos os olhos/ para te sentir melhor.// Que és tu para mim?/ Vou te dizer bem alto: – Vida!”. Os versos de “Natal” são: “Jesus menino no seu berço humilde/

Stella na imprensa local. Em julho de 1944, o texto “Ascenso Ferreira & Cia”, assinado por F.G., publicado no *Boletim da C.G.P.*<sup>60</sup> discorreu sobre Stella:

A esposa de Ascenso Ferreira é o tipo da senhora que, além de ser uma excelente dona de casa, é também conhecedora profunda da poesia, pintura e música; aprecia a matemática e acompanha com interesse o desenvolvimento da guerra atual. Não somente é uma apaixonada da poesia, como também é poetisa: faz como o seu marido poesia modernista. Porém, há 5 anos não faz mais poesia, porque um gurizinho toma todo o seu tempo.<sup>61</sup>

### Viagens pelo Brasil

O diálogo epistolar travado entre Mário de Andrade, Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira, também historia a viagem de Mário ao Nordeste em 1927 e 1928/9, a de Manuel Bandeira em 1927 ao Recife e também a ida de Ascenso a São Paulo, em 1927. Nesta última, com Manuel e Mário, Ascenso seguiu para a Fazenda Santa Tereza do Alto, propriedade de Tarsila do Amaral. Na capital paulista, Ascenso travou conhecimento com Oswald de Andrade e Lasar Segall. Essa estadia no Sudeste do país valerá cartas de agradecimentos à hospitalidade e impressões sobre os intelectuais modernistas: “Minha saudade de vocês é enorme. S. Paulo é mesmo a capital artística do Brasil. Aguarde minhas crônicas. Não direi mais para não melindrar os cariocas, que também foram muito gentis para comigo”.<sup>62</sup>

Em 1927, Mário de Andrade, juntamente com D. Olívia Guedes Penteado, rica senhora da sociedade paulista e mecenas dos modernistas, Margarida Guedes Nogueira (Mag), sua sobrinha, e Dulce do Amaral Pinto (Dolour), filha da pintora Tarsila do Amaral, percorreram o interior dos Estados nortistas e chegaram até Iquitos, no Peru. É nessa viagem que aconteceu um desencontro entre Ascenso e Mário, que não avisou ao poeta de *Catimbó* acerca de sua passagem pelo Recife. Ascenso comentou após os ânimos acalmados:

Contava poder obsequiar melhor vc. e D. Olívia, oferecendo a vcs. uma festa típica, com caráter absolutamente nordestino. Para isso eu esperava que vcs. me avisassem do dia da passagem, mode poder juntar o pessoal... [...] Eu mandara até pintar a casa e arranjava um cozinheiro conhecedor profundo da tradição. [...] A pintura da casa não era por sua causa, vc. bem sabe, mas por causa de D. Olívia, diante de quem não queria parecer tão Jeca...<sup>63</sup>

---

Perfumado/ Pelo amor/ de Maria e José!// Jesus tão grande na missão do Pai! E o homem/ guardando para Ele/ o espinho e o madeiro!// Jesus homem feito: Amor e Verdade/ ensinando/ mostrando/ o caminho/ da Vida e do Bem!// Jesus – amando... sofrendo... chorando por todos nós!/ Entretanto/ todos nós temos feito tão pouco por amor a Ele// Nós que queremos tanto:/ O céu!”

<sup>60</sup> Órgão da Campanha do Ginásio Pobre, segundo Luiz do Nascimento em *História da Imprensa em Pernambuco (1941-1954)*, v. 10.

<sup>61</sup> Artigo encontrado entre a documentação pertencente a Ascenso Ferreira na Fundação Joaquim Nabuco.

<sup>62</sup> [Recife, posterior a 28 de dezembro de 1927], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>63</sup> Recife, [setembro de 1927], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

As viagens ao Norte e ao Nordeste do país foram essenciais para que Mário de Andrade pusesse em prática as ideias de construção da cultura nacional, engendrada por meio de muito estudo, reflexão, análise e interpretação das manifestações do povo brasileiro. O passado nacional e a pesquisa das expressões populares deveriam ser estudados para que a essência da brasilidade pudesse ser utilizada no momento de criação. Mário lamentava o descaso de muitos pensadores brasileiros em relação à nossa cultura e expressou esse descontentamento no livro *Ensaio sobre a música brasileira* (1928): “Pode-se dizer que o populário musical brasileiro é desconhecido até de nós mesmos. Vivemos afirmando que é riquíssimo e bonito. Está certo. Só que me parece mais rico e bonito do que a gente imagina. E sobretudo mais complexo”.<sup>64</sup>

### **Eventos políticos e amizade**

Nas cartas trocadas, Mário de Andrade, Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira comentaram os fatos marcantes do país como a “Revolução de 1930”, a “Revolução Constitucionalista de 1932” e a nomeação de interventores indicados pelo presidente Getúlio Vargas. Estes episódios causaram grande impressão nos missivistas. A correspondência permite apreender como Mário, Ascenso e Stella pensaram e sentiram os acontecimentos políticos da década de 1930 no Brasil.

Durante as negociações de sucessão presidencial de 1930, São Paulo e Minas Gerais romperam a aliança conhecida como “política do café com leite” ao divergirem em relação à indicação do candidato ao poder. Os paulistas apoiaram Júlio Prestes e os mineiros se ligaram às oligarquias da Paraíba e do Rio Grande do Sul na chamada Aliança Liberal e indicaram Getúlio Vargas como candidato à presidência e João Pessoa, à vice-presidência.

Nas eleições de 1930, Júlio Prestes saiu vitorioso, mas não chegou a tomar posse. Em 3 de outubro do mesmo ano, a Aliança Liberal articulou e apoiou a eclosão da “Revolução de 1930” em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Nordeste. Em 24 de outubro de 1930, o Palácio da Guanabara foi cercado e o presidente Washington Luís deposto.

Os acontecimentos, aqui descritos de forma sucinta, foram vistos por Ascenso com entusiasmo. O poeta contou como irrompeu a “Revolução de 1930” em terras pernambucanas: “Aqui o queima foi danado e quem fez a revolução foi realmente o povo. De Pernambuco dependeu a queda de todo o Norte. E já que contaste tua odisseia, na qual eu muito pensei,

---

<sup>64</sup> ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. 4 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006, p. 17.

passo a contar-te a minha”.<sup>65</sup> Ascenso narrou sua viagem a trabalho, “um serviço fiscal de ordem do Governo, na fronteira com a Paraíba”, ocorrida durante os fatos. Depois de ter sido parado e revistado em diversas cidades, conseguiu retornar ao Recife “em pleno fogo”. Entretanto, Ascenso não encontrou imediatamente Stella, que ficara na casa de seu pai, na “zona de maior fuzilaria”, próximo do quartel do Derby.

Na mesma carta de 25 de novembro de 1930, a excitação pelos eventos deflagrados apareceu em afirmações de defesa ao novo governo como: “Enfim, pessoalmente eu nada sofri, e pude mesmo gozar a estética revolucionária, que foi maravilhosa” e “Enfim tudo passou e o novo governo vai muito bem, graças a Deus, e foi de uma humanidade estupenda para os vencidos”. Ascenso perguntou ao amigo como estava a situação em São Paulo e a recepção dos paulistas diante da nomeação do interventor João Alberto. Por fim, solicitou um posicionamento de Mário “Manda dizer se você está bem com ele”.

Em 2 de janeiro de 1931, Ascenso escreveu palavras tranquilizadoras sobre os desdobramentos que a Revolução poderia causar na sua carreira de escriturário do Tesouro do Estado de Pernambuco: “Aqui tudo em paz. Meu emprego não periga, salvo se viesse qualquer mudança de interventor, o que não acho provável, pois em Pernambuco a revolução continua a ser um fato”.<sup>66</sup> O desempenho do interventor Carlos de Lima Cavalcanti, em Pernambuco, foi visto por Ascenso de forma positiva: “O nosso interventor é MADEIRA DE LEI. Bicho moço, bem intencionado e cheio de nobres execuções. O povo está satisfeito”.

Meses depois, a decepção de Ascenso diante dos artistas plásticos e dos músicos recifenses se deflagrou: “A revolução que foi formidável de pitoresco e maravilhosa de estética não inspirou as bestas dos pintores daqui nem um quadro sequer e nem uma canção aos musicistas”.<sup>67</sup> Para Ascenso, a intelectualidade pernambucana não soube aproveitar os acontecimentos ocorridos para renovar as artes e quebrar paradigmas.

Após assumir o governo em caráter provisório, Getúlio Vargas protelou a constitucionalização do país e as eleições livres. Esses fatos aliados ao alijamento da oligarquia paulista, desencadearam a “Revolução de 1932”.

Em 19 de dezembro de 1932, cinco meses após a “Revolução de 1932”, Stella se mostrou receosa de um possível rompimento dos laços de amizade com Mário, já que os paulistas não conseguiram cooptar os demais Estados do país na luta contra o governo provisório de Getúlio Vargas:

---

<sup>65</sup> [Recife], 25 de novembro de 1930, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>66</sup> Recife, 2 de janeiro de 1931, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>67</sup> [Recife], 10 de agosto de 1931, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

Mário, eu tenho ainda uma alegria grande em lhe assegurar que nem todo brasileiro do Norte tem esse ódio pequenino por S. Paulo. Esse ódio que não é mais do que uma vergonhosa inveja. Felizmente, graças a Deus, nem todo nortista pensa pela mesma cabeça. São vários os semblantes e vários são os corações e os cérebros. Por Deus, eu não lhe digo isso para lhe ser agradável. Sou absolutamente sincera e sincera sempre que falar para você.<sup>68</sup>

Nesse quadro conflituoso, o estado de São Paulo foi visto como inimigo do restante do Brasil. Em carta de junho de 1933, Mário ao se referir sobre uma possível Constituinte no país reafirmou que São Paulo estava de um lado e o Brasil de outro: “Aumenta a animosidade entre brasileiros e paulistas”.<sup>69</sup> Por fim, explicou os motivos de não ir até o Nordeste naquele momento por temer questionamentos sobre o separatismo paulista: “Não estou absolutamente disposto a encontrar algum brasileiro indiscreto que me pergunte sobre como vai o separatismo aqui ou se sou separatista”.

### **Afetos e divergências**

Além das discussões acerca da criação poética e das manifestações folclóricas e populares, do testemunho de viagens e da vida política brasileira, o diálogo epistolar entre Mário de Andrade, Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira foi marcado por momentos em que o cotidiano surgiu, em que sentimentos foram expostos de forma contundente.

Stella lamentava as ausências de Ascenso, sentimento apaziguado pelo recebimento de palavras de amizade: “Me ajuda Mário, manda uma carta pra mim mode ir matando essas durezas da minha vida”.<sup>70</sup> Em outra mensagem, Stella rogou o envio de algumas palavras do amigo paulista como forma de suavizar as distâncias: “Tenho uma grande saudade de você, e, as cartas sempre enganam a gente. Aqui o povo diz enganar no sentido de mitigar, suavizar”.<sup>71</sup>

As angústias de Mário durante sua estadia no Rio de Janeiro após o afastamento do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo também foram retratadas em cartas trocadas, principalmente, com Stella. Ao lado de Oneyda Alvarenga e de Henriqueta Lisboa, Stella se configurou como mais uma interlocutora disposta a compartilhar as frustrações narradas por Mário. A missivista teceu mensagens reconfortantes aliadas ao tom fraternal:

---

<sup>68</sup> Limoeiro do Norte, 19 de dezembro de 1932, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>69</sup> São Paulo e São João [24 de junho] de 1933. In INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 3, p. 352.

<sup>70</sup> Recife, 1º de dezembro de 1927, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>71</sup> [Recife, dezembro de 1937], Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

Sempre e sempre penso em você. Sei bem, não precisa me falar, que aí nesse Rio você não sente a alegria da sua vida de S. Paulo. [...] Lá se vai, de quando em vez, o meu pensamento para você e como num carinho de mãe eu queria consolar a sua cabeça no meu colo e botar para longe todas essas tristezas que matam esse seu sorriso tão bonito. Você é um amigo irmão, um filho a quem eu aprendi a querer muito bem.<sup>72</sup>

O trecho acima recebeu resposta desesperançada, própria de um indivíduo dilacerado pelas circunstâncias:

Sua carta é suave, quente, murmurante, escuto bem nela a doce voz de você que é das coisas mais preciosas do meu mundo. [...] Anda minha irmãzinha querida, fala para eu sarar! Ando vazio, Stella, completamente inconsequente. Bebo, ando bebendo muito pra esquecer que mal? não sei. Não sei o que é que eu tenho ou que não tenho. É um grande mal vagarento, um enorme desgosto escuro, uma espécie de arrependimento de crimes não cometidos, a nítida consciência de um formidável pecado que não sei qual é.<sup>73</sup>

O poeta de *Catimbó* também se valeu da carta para exprimir os pormenores de seu pensamento, permeado de afetos. Ascenso expôs seu descontentamento em face da publicação da entrevista cedida a Manuel Bandeira, “Um poeta do Nordeste”, em 1º de janeiro de 1928, n’ *O Jornal*: “Botou sempre umas sacanagens que, felizmente, só eu entendo. O menininho quer mostrar que já tem tesão na bimbina...”.<sup>74</sup> Entretanto, pouco mais de um mês depois, o tom empregado era outro: “A sacanagem que o Bandeira fez comigo, longe de me magoar, me fez gozar como o diabo. Ela foi toda sem malícia, e não a explico para não me tornar maçante”.<sup>75</sup>

### **Considerações finais**

A edição da correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira aponta para um rico manancial de exploração no campo dos estudos interdisciplinares, mobilizando questões literárias, históricas, do memorialismo, da sociologia da cultura.

O presente trabalho tencionou contribuir para a ampliação do conhecimento das redes de sociabilidade no modernismo tanto quanto oferecer elementos testemunhais para o estudo

---

<sup>72</sup> Recife 17 de julho de 1940, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>73</sup> Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1940 *In Os Andrades e outros aspectos do modernismo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, pp. 212-213.

<sup>74</sup> Recife, 19 de janeiro de 1928, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.

<sup>75</sup> Recife, 10 de fevereiro de 1928, Arquivo Mário de Andrade, *Série Correspondência*, IEB-USP.



da obra dos interlocutores e de seus processos de criação. Os documentos epistolares reunidos nesta pesquisa contribuem, particularmente, para que se compreenda melhor aspectos do projeto marioandradiano de construção de uma cultura brasileira.

### **Esta edição**

O estabelecimento do texto das cartas de Mário de Andrade, Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira orientou-se pelas normas previstas na *Coleção Correspondência Mário de Andrade* (Edusp/IEB), coordenada pelos Profs. Drs. Telê Ancona Lopez, Marcos Antonio de Moraes e Tatiana Longo Figueiredo. O trabalho norteou-se pelas seguintes diretrizes metodológicas: a) atualização do texto das cartas, de acordo com a norma ortográfica vigente; b) respeito à pontuação; c) eventuais intervenções no texto das missivas foram explicitadas em nota de rodapé; d) abreviações e abreviaturas foram mantidas para preservar o fluxo da escrita, revelador do grau de intimidade dos missivistas; e) respeito às locuções nominais, verbais e adverbiais “diz-que”, “bom-dia”, “arranhacéu” etc., quando sinalizavam aspectos do projeto linguístico nacionalista dos interlocutores; f) preservação das idiossincrasias linguísticas de Mário de Andrade, assim como de sua particular maneira de grafar nomes próprios, como, por exemplo, “Oswaldo” (Oswald de Andrade) etc.; g) uso de itálico nos títulos de livros, manuscritos, quadros, esculturas, filmes, peças de teatro ou composições musicais, periódicos, nomes de navios etc.; títulos de poemas e de contos aparecem entre aspas, de acordo com a norma bibliográfica vigente; h) na impossibilidade de leitura de algumas palavras, optou-se pela colocação de “[ilegível]”; vocábulos ou expressões entre colchetes apontam para possibilidades de leitura; i) manutenção dos sublinhados e das soluções gráficas dos autores; j) dados atestados (locais e datas) foram colocados entre colchetes; l) ao final de cada carta, foram descritas as características documentais (“análise documentária”), a fim de se registrar a materialidade das mensagens, visto que também são produtoras de sentido no diálogo epistolar.

A elaboração de notas da pesquisa tencionou elucidar dados biobibliográficos de personalidades, eventos culturais/históricos, expressões da época e/ou regionais e fatos tratados pelos missivistas, a fim de proporcionar ao leitor uma compreensão mais clara e aprofundada da correspondência. Nesse sentido, valeu-se, além de fontes bibliográficas, da consulta no arquivo e na biblioteca de Mário de Andrade, sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), recuperando documentação de fonte primária (manuscritos, marginália em livros, dedicatórias, fotos, matérias extraídas de jornais e revistas); a descrição

documentária dos manuscritos foi recuperada do *Catálogo Eletrônico Mário de Andrade*, IEB-USP, cujas pesquisas foram coordenadas pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez, no IEB-USP, entre 1989 e 2003 e resultaram na *Organização da Série Correspondência de Mário de Andrade*, Auxílio Pesquisa FAPESP e VITAE, 1989-94, no *Catálogo da Série Correspondência de Mário de Andrade*, Auxílio Pesquisa VITAE, 1995-96, no *Preparo para publicação do Catálogo da Série Correspondência de Mário de Andrade*, Auxílio Pesquisa VITAE, 1996-97 e no *Preparo para publicação do CD-ROM da Série Correspondência de Mário de Andrade*, Auxílio Pesquisa VITAE, 2000-3. Textos inéditos em livros, citados nas cartas, como artigos e outros escritos, compõe um “Dossiê” ao final da dissertação.

A leitura minuciosa da correspondência trocada entre Mário de Andrade e Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira, tendo em vista a elaboração de notas de pesquisa, propiciou a reordenação cronológica das cartas (atestando-se mensagens não datadas) e favoreceu a apreensão das linhas de força do diálogo.

## Referências bibliográficas

### Obras de Mário de Andrade

- ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. Texto estabelecido por Marlene Gomes Mendes. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- \_\_\_\_\_. *As melodias do boi e outras peças*. Oneyda Alvarenga (Org.). São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Martins, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Cartas a Anita Malfatti (1921-1939)*. Marta Rossetti Batista (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Cartas a Murilo Miranda. 1934/1945*. Raúl Antelo (Org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Cartas a um jovem escritor*. De Mário de Andrade a Fernando Sabino. Ed. prep. pelo destinatário. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto. 1924/1936*. Georgina Koifman (Org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945*. Lélia Coelho Frota (Org.). Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Fundação Pró-Memória, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Correspondente contumaz*. Cartas de Mário de Andrade a Pedro Nava, 1925-1944. Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Danças dramáticas do Brasil*. 2 ed. Oneyda Alvarenga (Org.). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982. 3 vol.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a música brasileira*. 4 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Entrevistas e depoimentos*. Telê Porto Ancona Lopez (Org.). São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Macunaíma e a viagem grandota*. Cartas inéditas de Mário de Andrade [a Sérgio Olidense]. Carlos Heitor Castello Branco (Org.). São Paulo: Quatro Artes Editora, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Texto estabelecido por Telê Ancona Lopez & Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

- ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Lygia Fernandes (Org.). Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Música do Brasil*. Curitiba: Guaira, 1941.
- \_\_\_\_\_. *Música, doce música*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Música e jornalismo: Diário de S. Paulo*. Pesquisa, estabelecimento, introdução e notas de Paulo Castagna. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Os cocos*. Preparação, ilustração e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Os filhos da Candinha*: edição anotada. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Turista Aprendiz*. 2 ed. Telê Ancona Lopez (Org.). São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Poesias completas*. Ed. crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Portinari, amico mio*. Cartas de Mário de Andrade a Candido Portinari. Annateresa Fabris (Org.). São Paulo: Projeto Portinari/Autores associados/Mercado de Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *71 cartas de Mário de Andrade*. Lygia Fernandes (Org.). Rio de Janeiro: Livraria São José, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Telê Porto Ancona Lopez (Org.). São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Vida Literária*. Sonia Sachs (Org.). São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.
- ANDRADE, Mário de; ALVARENGA, Oneyda. *Cartas*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- ANDRADE, Mário de; AMARAL, Tarsila do. *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. Aracy Amaral (Org.). São Paulo: Edusp/IEB, 2001.
- ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos & Mário*: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inérita) e Mário de Andrade. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Organização e Pesquisa Iconográfica de Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Bem-Te-vi, 2002.
- ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Marcos Antonio de Moraes (Org.). São Paulo: Edusp/IEB, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Itinerários*. Cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

- ANDRADE, Mário de; CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Marcos Antonio de Moraes (Org.). São Paulo: Global, 2010.
- ANDRADE, Mário de; CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio e Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1919-1945. Traços biográficos Antonio Candido; introdução Gilda de Mello e Souza; estabelecimento do texto e notas Denise Guaranha; estabelecimento do texto, das datas e revisão ortográfica Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: SESCSP, 2009.
- ANDRADE, Mário de; LISBOA, Henriqueta. *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*. Eneida Maria de Souza (Org.). São Paulo: Editora Peirópolis; Edusp/IEB, 2010.
- ANDRADE, Mário de; RUBIÃO, Murilo. *Mário e o Pirotécnico Aprendiz*. Cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião. Marcos Antonio de Moraes (Org.). Belo Horizonte: UFMG/IEB/GIORDANO, 1995.

### **Obras sobre Mário de Andrade**

- ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, um pouco*. Rio de Janeiro: José Olympio/SCET-CEC, 1974.
- CANDIDO, Antonio. “Mário de Andrade”. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 106, 1946. Ed. fac-similar, n. 198, 1990.
- CARVALHO, Ricardo Souza de “Edição genética d’O sequestro da dona ausente de Mário de Andrade” (Dissertação de Mestrado defendida na USP/FFLCH). LOPEZ, Therezinha Aparecida Porto Ancona (Orient.), São Paulo: 2001.
- CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade. Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- DASSIN, Joan Rosalie. *Política e poesia em Mário de Andrade*. Trad. Antonio Dimas. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- DIMAS, Antonio. “Barco de proa dupla: Gilberto Freyre e Mário de Andrade”. In FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Ed. crítica de Guillermo Giucci, Enrique R. Larreta e E. Nery da Fonseca. Madri/Paris/São Paulo: ALLCA XX, 2002.
- DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo: cartas a Paulo Duarte e Sérgio Milliet*. 2 ed. São Paulo: Hucitec/ Secretaria Municipal de Cultura, 1985.

- INOJOSA, Joaquim. *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Mariodeandradiano*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MACHADO, Márcia Regina Jascke. *Manuscritos de Outros Escritores no Arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudo*. São Paulo: CAPES/Programa de Pós Graduação em Literatura Brasileira FFLCH-USP, 2008.
- PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.
- RUSSEFF, Ivan. *Educação e cultura na obra de Mário de Andrade*. Campo Grande: UCDB, 2001.

### **Obras de Ascenso Ferreira**

- FERREIRA, Ascenso. *Ascenso Ferreira: outros poemas e inéditos*. Juarez Correa (Org.). Recife: Panamérica/ Nordestal Editora, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Cana caiana*. Recife: Empresa Diário da Manhã, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Cartas de Ascenso Ferreira a Veríssimo de Melo*. Natal: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Catimbó*. Recife: Oficinas da Revista do Norte, 1927.
- \_\_\_\_\_. *Catimbó*. 7 ed. Recife: FUNDARPE, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Catimbó, Cana caiana, Xenhenhém*. Valéria Torres da Costa e Silva (Org.). 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio folclóricos: o maracatu, presépios e pastoris e o bumba-meu-boi*. Roberto Benjamin (Org.). Recife: Secretaria de Educação do Estado do Estado de Pernambuco, DSE/Departamento de Cultura, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Eu voltarei ao sol da primavera*. Jessiva Sabino de Oliveira (Org.). Recife: Secretaria da Educação, 1985.
- \_\_\_\_\_. “Meu depoimento”. In CAVALHEIRO, Edgard. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1944.

## Obras sobre Ascenso Ferreira

- BANDEIRA, Manuel. Prefácio. In FERREIRA, Ascenso. *Poemas 1922-1949*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1951.
- BARROS, Manuel de Souza (Org.). *50 anos de Catimbó*: edição comemorativa dos 50 anos de Catimbó, do poeta Ascenso Ferreira. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1977.
- CORREYA, Juarez. *Ascenso, o Nordeste em carne & osso*: (perfil biográfico do poeta Ascenso Ferreira). 2 ed. revista. Recife: Nordestal/Bagaço, 2001.
- FRANCESCHINI, Marcele Aires. *Ascenso Ferreira e o Modernismo Brasileiro*. (Dissertação de mestrado defendida na USP/FFLCH/DTLLC). FONSECA, Maria Augusta (Orient.), São Paulo: 2003.
- LUNA, Luiz. *Ascenso Ferreira: menestrel do povo*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo Ltda, 1971.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. “Ascenso Ferreira”. In AZEVEDO Filho, Leodegário (Org.) *Poetas do modernismo: antologia crítica*. vol. 5. Brasília: INL, 1972.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (Org.). “Ascenso Ferreira”. In *Poesia Moderna*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

## Obras sobre o Movimento Modernista brasileiro e sua época

- BATISTA, Marta Rossetti; LOPEZ, Telê Porto Ancona; LIMA, Yone Soares de. *Brasil: 1º tempo modernista – 1917-29 - Documentação*. São Paulo: IEB, 1972.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo, 1988.
- BRITO, Mário da Silva. *Panorama da poesia brasileira*. vol. 6 (O modernismo). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.
- FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930*. São Paulo: Global; Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006.
- LARA, Cecília de. *Klaxon e Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo*. São Paulo: IEB, 1972.
- LEONEL, Maria Célia de Moraes. *A Revista Estética: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. (Dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo), São Paulo, 1976.

- MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe, nacionalismo: Paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas de 1857 a 1972*. Petrópolis: Vozes, 1985.

### **Obras sobre Pernambuco e o Modernismo Modernista Pernambucano**

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Pref. Margareth Rago. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana; São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo. Os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. Recife: UFPE/UFPB, 1996.
- BARROS, Manuel de Souza. *A década 20 em Pernambuco (Uma interpretação)*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Secretaria de Educação e Cultura/ Conselho Municipal de Cultura/ Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Um movimento de renovação cultural*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1975.
- COSTA, Pereira da. *Folclore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Vocabulário pernambucano*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco; Secretaria de Educação e Cultura, 1976.
- D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e/ ou literárias nordestinas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. Org. de Fátima Quintas. Pref. de Antonio Dimas. 7.ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1996.
- INOJOSA, Joaquim. *O movimento Modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1969. 3 v.



NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. v. 8. Recife: UFPE, 1982. Disponível em: [www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia\\_da\\_imprensa-V08.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa-V08.pdf)

VALENTE, Waldemar. *Folclore brasileiro Pernambuco*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

### **Epistolografia, Crítica Genética e Crítica Textual**

ANGELIDES, Sophia. “Carta e literatura” *In Carta e literatura: correspondência entre Tchékhev e Górkí*. São Paulo: EDUSP, 2001, pp. 15-26.

BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2002.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Crítica textual: reflexões e práticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

DIAZ, José-Luiz. “Qual genética para as correspondências?” *In Manuscrita. Revista de Crítica Genética*. n° 15, 2007, pp. 119-161.

EULÁLIO, Alexandre. “Em torno de uma carta” *In CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs.). Livro Involuntário: Literatura. História, Matéria & Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993, pp. 207-221.

FREYRE, Gilberto. *Cartas de Gilberto Freyre: correspondência passiva de José Lins do Rego*. Organização de Sônia Maria van Dijck Lima e Nestor Figueiredo Jr. João Pessoa: FUNESC, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

MALATIAN, Teresa. “Cartas. Narrador, registro e arquivo”. *In PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 195-221.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Antologia da carta no Brasil – Me escreva tão logo possa*. São Paulo: Moderna, 2005.

- MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e crítica genética”. *Ciência e Cultura* [SBPC]. (São Paulo), v. 59, n.1, p. 30-32, jan.-mar. 2007.
- \_\_\_\_\_. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2007.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. “Para uma teoria da carta” *In As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988, pp. 191-195.
- PINO, Claudia Amigo (org.). *Criação em debate*. São Paulo: Humanitas, 2007.
- ROCHA, Andréa Crabbé. “Introdução” *In A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1965, pp. 13-36.
- ROCHA, João Cezar de Castro. “A epistolografia como desafio à História e a teoria da literatura” *In Exercícios críticos: leituras do contemporâneo*. Chapecó: Argos, 2008, pp. 145-155.
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma (nova) introdução; fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 2 ed. São Paulo: FAPESP, Annablume, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Redes de criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Horizonte, 2006.
- SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao Sol Carta é Farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. Rio de Janeiro: Annablume, 1998.
- SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- Teresa: Revista de Literatura Brasileira*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, n° 8/9. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária: crítica genética, crítica pós-moderna?* São Paulo, SP, Brasil: EDUSP, 1993.
- ZULAR, Roberto (org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. 2 ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

## Obras de referência

- BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de (Orgs.). *Coleção Mário de Andrade – Artes Plásticas*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: IEB/USP, 1998.
- COUTINHO, Afrânio (dir.) & SOUZA, J. Galante (dir.). *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Fae, 1990, 2 v.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2 ed. Pref. Antonio Candido. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1978.
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet* (vol. 2, 3, 4, 6, 8). 2 ed. Introd. Antonio Candido. São Paulo: Martins/Edusp, 1981.

## Sites consultados ao longo da pesquisa

- Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br>. Acesso em 15 de fevereiro de 2012.
- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. Disponível em: <http://www.teses.usp.br>. Acesso em 17 de abril de 2012.
- Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.bn.br/portal>. Acesso em 12 de abril de 2012.
- Brasiliana USP. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br>. Acesso em 2 de março de 2012.
- Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2012.
- Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br>. Acesso em 18 de março de 2012.
- Instituto de Estudos Brasileiros. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br>. Acesso em 10 de maio de 2012.